

“Escreve-se para o outro”: entrevista com Cuti

Por Grazielle Frederico,¹ Lúcia Tormin Mollo² e Paula Queiroz Dutra³

Cuti (1951) nasceu em Ourinhos-SP, é doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp. Ingressou na carreira literária em 1978, tendo sido um dos fundadores do *Quilombhoje-Literatura* e um dos criadores e mantenedores da série *Cadernos negros*. Sua obra enfoca principalmente as vivências - de negros, mestiços e brancos - decorrentes do racismo presente na sociedade brasileira, além das relações afetivas e sexuais contemporâneas. Tem inúmeros livros publicados, entre eles, *A pelada peluda no Largo da Bola* (novela juvenil, 1988), *Negros em contos* (1996), *Sanga* (poemas, 2002) e *Negroesia* (poemas, 2007), *Dois nós na noite e outras peças* (teatro, 2009) e *Literatura negro-brasileira* (ensaio, 2010).

Qual a sua relação com a literatura?

A minha relação com a literatura é visceral. Escrevo por necessidade profunda de me situar no mundo.

Você acha importante se dizer autor negro dentro do campo literário brasileiro? O rótulo demarca ou aprisiona a sua trajetória?

Acho importante, sim. Demarca uma tomada de consciência que se traduz em propósito de pertencimento a uma parte da tradição literária brasileira, aquela em que os autores traduzem em seus textos uma subjetividade que se quer individual e, ao mesmo tempo, coletiva, cujo conteúdo existencial traduz experiências históricas de mais de 400 anos. Não é rótulo. É identidade. E só aprisiona aqueles autores que anseiam pelo reconhecimento social a qualquer preço, inclusive o da renúncia de si mesmos enquanto seres humanos em profundidade.

¹ Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: grafrederico@gmail.com

² Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: ltorminmollo@gmail.com

³ Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil. E-mail: qpaulad@gmail.com

O racismo presente na sociedade brasileira afeta a sua produção?

O que afeta a minha produção literária é a luta contra o racismo. Isso porque essa luta implica em busca de liberdade, que é o traço mais importante do ser humano.

Quais temas ultimamente te interessam, te instigam a escrever?

Os temas que têm me interessado muito são os relativos à superação das injustiças e as várias facetas das relações amorosas e sexuais. Cada texto tem a sua gênese própria. Pensamento, emoção, sentimento, lembrança, fato, tudo pode desencadear um texto.

Qual a relação de sua escrita com suas experiências (pensando em raça, gênero, classe, moradia, geração etc.)?

É uma relação discreta. Não faço texto autobiográfico. Minhas experiências pessoais estão em meus textos transfiguradas. O imaginário dá conta de dificultar a leitura biográfica, uma das vertentes mais pobres da crítica, para a qual faço questão de não oferecer subsídio.

Qual o peso que o machismo ainda tem no Brasil atual?

O machismo tem um peso enorme, porque somos um país com grande parte da população mal instruída, carente de informações básicas sobre respeito e cidadania. Por outro lado, o contingente de mulheres machistas é muito grande. E elas reforçam a truculência dos homens. Lembro-me do trecho de uma música que fez muito sucesso, mas não me recordo o nome: “Como diz Leila Diniz / Homem tem de ser durão”. São muitos os exemplos do lastro patriarcal-escravagista da sociedade brasileira, a fonte do machismo e do racismo. A produção cultural e artística atual ainda tem muito dessa vertente.

É possível desvincular a produção literária de um ato político?

É possível a desvinculação de um determinado ato político, mas não fazer com que a produção literária não seja um ato político por si só. Escreve-se para o outro, não para si mesmo. Fica estabelecida uma relação que pressupõe uma influência, a consideração do que é

